



ANA PAULA NEVES SILVA

O HIP HOP COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL

LAVRAS – MG

2022

ANA PAULA NEVES SILVA

O HIP HOP COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do Curso de Graduação em Educação
Física, para a obtenção do título de Bacharel.

PROF. DR. RAONI PERUCCI TOLEDO MACHADO

Orientador

LAVRAS – MG

2022

ANA PAULA NEVES SILVA

O HIP HOP COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Graduação em Educação Física, para a obtenção do título de Bacharel.

APROVADA em 25 de abril de 2022.

Banca Examinadora

DR. RAONI PERUCCI TOLEDO MACHADO - UFLA

THABATA CASTELO BRANCO TELLES - EEFERP & ABRAPESP

LAVRAS – MG

2022

Dedico esse trabalho à minha família
e à todos aqueles que enxergam o potencial transformador da dança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por não ter me deixado desistir diante as dificuldades, ele foi essencial em todas as minhas conquistas e superações.

Agradeço a minha família que é minha base, minha força, minha maior fonte de amor e apoio incondicional.

Agradeço, também, aos meus amigos que me incentivaram e tornaram essa jornada mais leve. Agradeço aos meus professores que contribuíram com meus aprendizados em especial meu orientador Raoni Perucci Toledo Machado pela oportunidade e apoio na elaboração deste trabalho.

Agradeço a Prof. Maria Cristina que me deu a oportunidade de participar do Projeto Incorpore e me apaixonar muito mais pela dança, e a todos os professores de dança que fazem esse projeto acontecer.

Enfim, gratidão a todos que de forma direta ou indireta fizeram parte da minha formação, muito obrigada.

RESUMO

Para muitos o hip hop é bem mais do que somente as músicas e a dança, é considerado como um estilo de vida, onde as culturas são diferenciadas causando um alto impacto na sociedade. O hip hop possui muitas formas de expressão, além do estilo que já se destaca, causa impacto, também, em relação as manifestações sociais buscando defender os interesses da sociedade.

Esse trabalho tem como objetivo identificar as contribuições do hip hop como um movimento contra cultural perante a sociedade. Por isso, é importante, primeiramente, entender a origem do Hip Hop e contexto em que ele surgiu, e em seguida buscar entender e identificar quais são essas contribuições sociais através das pesquisas bibliográficas que serão realizadas.

Palavras-chave: Hip Hop. Contracultura. Movimento social.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	8
2.	OBJETIVOS.....	10
3.	METODOLOGIA.....	11
4.	REVISÃO DE LITERATURA	12
	4.1. O HIP HOP.....	12
	4.2. O MOVIMENTO CONTRACULTURAL	13
	4.2.1. O HIP HOP E O MOVIMENTO DE CONTRACULTURA	14
	4.2.2. A IMPORTÂNCIA DO HIP HOP NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL	16
	4.3.O HIP HOP ENQUANTO COMPETIÇÃO.....	18
	4.4.RELAÇÃO DO MOVIMENTO HIP HOP COM OS JOGOS OLÍMPICOS	21
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
6.	REFERÊNCIAS	24

1. INTRODUÇÃO

A dança, no geral, sempre teve uma grande importância na minha vida desde o começo, inclusive foi através da minha paixão pela dança que surgiu o interesse em cursar Educação Física.

Inicialmente comecei dançando em casa, criando coreografias com as minhas amigas e através de vídeos mas sempre fui muito dura e tímida para dançar, considerando que na cidade em que moro nunca teve muitas opções de aulas de dança, por ser uma cidade muito pequena.

Fui criada por uma família muito rígida, então desde pequena, meu pai principalmente não aceitava alguns tipos de danças, pois considerava “vulgar”. O hip hop, então, por ser uma cultura que surgiu nas ruas, como uma movimentação de protesto e por ser composto por movimentos agressivos e músicas marcantes, era considerado “dança de maloqueiro”.

E eu, claramente discordava, considerava esses tipos de pensamentos machista, preconceituoso e ultrapassado. Até nos dias de hoje algumas pessoas ainda pensam da mesma forma, sendo que muitos nem procuram conhecer mais sobre a cultura do hip hop e fazem um pré-julgamento.

Na época que comecei a me interessar pelo hip hop alguns meninos que dançavam até iniciaram com algumas aulas na escola mas por causa da timidez, medo de cair ou fazer algum movimento errado, já que os movimentos das aulas eram muito avançados, muitas das vezes eu só assisti. Mas, logo pararam com as aulas então não tive tempo de ter algum aprendizado significativo, nem desenvolver a questão da timidez.

O tempo foi passando, foquei nos estudos, afinal queria muito entrar em alguma faculdade mas nunca deixei de dançar em casa outros estilos de dança. Sem as aulas de hip hop na cidade continuei admirando através dos vídeos dos dançarinos(as) que acompanhava pelo o youtube e redes sociais.

Foi quando entrei na Universidade Federal de Lavras (UFLA), e comecei no curso de Educação Física. Em um dia, assistindo as apresentações no centro de convivência, vi uma apresentação de dança pela qual fiquei encantada e pra minha surpresa as aulas eram realizadas na UFLA, no centro de cultura e eram gratuitas. Eram as aulas do vídeo dance, onde as coreografias são criadas pela professora Larissa e a ideia é que os alunos dançam como se

estivessem na gravação de um vídeo clipe, e dessa forma trabalhar questões como a timidez, autoconfiança, autoestima, “carão”, etc.

Nas aulas eram trabalhados os steps e bases do hip hop e dance hall mas envolvia outras danças urbanas como o freestyle (estilo livre), em que a professora deixava os alunos bem à vontade para demonstrarem a sua dança, ou seja, o que aprenderam com a aula de uma forma improvisada.

Passado um tempo de aprendizado com as aulas abriu-se o edital para participar do projeto “Dança inclusiva no contexto universitário” do qual o vídeo dance fazia parte, então fiz a entrevista e consegui ser aceita para ser monitora nas aulas de vídeo dance.

A monitoria foi muito importante para mim, pois conheci muito sobre o hip hop, a história, a cultura, os passos e variações, além disso aprendi sobre como ministrar aulas de dança.

O fato de estar frente aos alunos como monitora e as apresentações no centro de convivência me ajudaram muito a controlar um pouco da minha timidez, apesar de achar que ainda tenho muito a desenvolver nesse quesito.

A dança me auxiliou muito também quando comecei a desenvolver crises de ansiedade por causa de alguns problemas pessoais e as vezes até deixava de ir nas aulas, foi quando percebi que me afastar era pior, que a dança era minha “terapia”, pois quando estava nas aulas todos os problemas desapareciam e eu só conseguia pensar em aprender as coreografias e voltava ao foco de o porquê de eu estar ali dançando. Até hoje quando ansiedade aparece basta assistir alguns vídeos de dança que me acalmo, é surreal o poder terapêutico que a dança causa nas pessoas.

Só que o hip hop vai muito além das danças, tem também o estilo/moda, as músicas, as batalhas, as lutas sociais, os grafites. Quanto a influência do hip hop na moda, começou quando os dançarinos queriam roupas mais largas para dançar então optaram por utilizar roupas esportivas e de rua. Sou apaixonada por cada característica que compõem o hip hop.

Atualmente com a pandemia, as aulas foram interrompidas, sinto como se estivesse estagnada e sinto muita falta das aulas mas sei que esse momento vai passar. Sei também, que ainda tenho muito o que aprender e vivenciar para me tornar uma boa profissional e me destacar na área da dança, principalmente, se tratando do hip hop.

Meu maior objetivo profissional é me formar e ir em busca de especializações na área da dança. Ter a oportunidade de trazer as danças urbanas para a minha cidade e cidades da região vai ser muito gratificante pra mim, pois sei que muitas crianças/jovens tem muito interesse em

vivenciar a cultura do hip hop e não tem oportunidade. A dança transformou muitas coisas na minha vida, quero ver essa transformação na vida de outras pessoas também.

2. OBJETIVOS

Esse trabalho tem por objetivo identificar quais mudanças sociais que foram e ainda estão sendo proporcionadas pelo Hip Hop, considerando também, a discussão referente a importância do movimento contracultura, juntamente, com o Hip Hop em relação as mudanças sociais e as consequências desse desenvolvimento cultural na sociedade. Além disso, esse trabalho reúne conhecimentos sobre um movimento que tem papel significativo no combate contra a violência e o preconceito e auxilia no entendimento da participação direta e indireta do Hip Hop como voz na contestação social e quebra de paradigmas.

3. METODOLOGIA

Entende-se que uma metodologia pode ser definida como um conjunto de regras para se tentar solucionar um problema, e que no método científico as regras são gerais, passíveis de erros e necessitam da imaginação e intuição do pesquisado. (MAZZOTTI; GEWANDSNAJDER, 2002). Então na composição de um trabalho científico a metodologia é importante para que o pesquisador diferencie os métodos e ferramentas que serão utilizados.

Esse trabalho teve como propósito compreender e explorar as mudanças sociais que estão relacionadas com o Hip Hop, desse modo, define-se essa pesquisa com a natureza básica, objetivo exploratório, abordagem qualitativa e procedimento metodológico utilizado foi pesquisa bibliográfica.

Então com o objetivo de compreender os fatos, a coleta de dados foi realizada por meio de pesquisas bibliográficas usando a base de dados do Google Acadêmico e utilizando as seguintes palavras chaves: hip hop, manifestação social, movimento contracultural. Os artigos selecionados foram somente os de Qualis A e B, sendo o período de publicação somente dos últimos 10 anos. E, por fim, para a análise dos dados coletados os artigos escolhidos através das pesquisas bibliográficas que foram realizadas e foram agrupados de acordo com temas que tenham mais relação.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1.O Hip Hop

O Hip-Hop surgiu na década de 1970 como uma cultura artística que se iniciou nas áreas centrais de comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas da cidade de Nova Iorque. Afrika Bambaataa foi um dos precursores do movimento e estabeleceu quatro pilares essenciais na cultura hip hop: o rap, o DJing, a breakdance e a escrita do graffiti. (KUGELBERG, 2007). E incluem outros elementos como a moda hip hop e as gírias” (OS GRUPOS, 2011).

Como afirmou Santos (2015, p. 16) “Todavia, para além da literalidade do conceito, essa manifestação foi utilizada como instrumento de resistência, alternativa de lazer e transformou-se num movimento político-cultural de uma parte considerável da juventude negra e pobre americana e, a partir dos anos 1980, em muitos outros países. O hip hop consubstanciou-se como forma de resistência e organização contra as mazelas sociais, ampliadas pelo advento da reestruturação produtiva e urbana, vividas pelas grandes cidades”.

O hip hop dispõe das suas próprias propriedades expressivas como o estilo de vestimentas, os mc’s (cantores de letras de hip-hop), as músicas, a grande variedade de estilos de danças (breking, locking, popping, krumping, entre outros).

Tabela 1- Algumas variedades de estilos de danças do hip hop.

Breaking: se caracteriza como um tipo de dança que representa aspectos contemporâneos por meio de movimentos improvisados, como expressão da dinâmica da vida urbana.
Locking: esse é um estilo considerado clássico e tem o título de primeira dança urbana. Ela é caracterizado principalmente por movimentos rápidos dos braços, juntamente com posições de pausas onde o dançarino para estar congelado. É conhecida, também, por ser uma dança sátira, onde os dançarinos usam suspensório, roupas xadrez, estilo que os torna engraçados.
Popping: esse é um estilo que surgiu no final dos anos 70 na Califórnia. Se baseia em uma técnica onde o dançarino contrai e relaxa os músculos de forma a causar uma “explosão”, gerando assim um movimento de “batida”. O dançarino de Popping são os mais reservados do Hip hop, usam terno e gravata. Tem como característica da dança imitar robôs. Nos Estados Unidos, quem dança Popping dificilmente dança Break dance, são os lados opostos do estilo musical.

Krumping: conhecido inicialmente como Clown Dancing ou Clowning (a <i>dança do palhaço</i>), que mais tarde se torna um estilo de Krump, o Krump Clown, é marcado por movimentos de estilo livre e expressivos e o uso de pinturas faciais.
--

Assim como as criações artísticas estimulam o desenvolvimento da tecnologia e da ciência, através da arte, o hip hop reproduz suas próprias práticas sociais e artísticas. E, é por meio das suas próprias expressões artísticas que o hip hop se firma sobre o conceito de contraculturas urbanas e movimentos contraculturais em busca de resistência aos valores da sociedade dominante.

Nas palavras de Pierre-Charles, a resistência está intimamente ligada à história do indivíduo que luta para não se sujeitar totalmente a uma cultura estrangeira, não só do ponto de vista individual, mas também do ponto de vista político até atingir a sua libertação e reconhecimento (Davis, 2000). Então, existem diversos fatores que podem ser considerados para o entendimento da resistência cultural, sendo estes as condições raciais, étnicas e de classe. Isso significa que a contracultura sempre estará presente no contexto de sistemas culturais, devido a relação dominante-dominado existente na sociedade e a luta pelo reconhecimento da diversidade cultural.

4.2.O Movimento Contracultural

A contracultura foi um conceito que surgiu para caracterizar uma série de movimentos culturais da juventude, que tiveram início na década de 50 nos Estados Unidos e a partir daí esse conceito passou a ser utilizado por outros países.

Segundo Cortés (2008, p. 257), “a contracultura é um conceito essencial para entendermos toda uma geração que viveu na década de 1960, e que era descontente com a sociedade tal como era imposta. Portanto, entendemos que, através da contracultura os jovens tiveram a oportunidade de se expressarem de forma livre”. Esta cultura juvenil foi importante para que a juventude obtivesse visibilidade em uma sociedade adulta e desta forma, tentar criar um modelo novo de sociedade.

Diversos foram os motivos que levaram ao surgimento da contracultura, tendo em comum um único objetivo: se opor aos padrões estabelecidos pela sociedade. Após a Segunda Guerra Mundial, os jovens já não queriam viver mediante a uma sociedade opressora, em que a cultura social era totalmente padronizada e, a partir da idealização de um novo modelo de sociedade, os jovens mostraram realmente o que queriam e vieram ocupando espaços, não somente com idéias mas também, com ações.

O contexto também fez o movimento ganhar força, pois muitos jovens estavam desiludidos com a realidade da época, principalmente, segundo historiadores, sob a tensão de uma possível terceira guerra mundial (Guerra fria), entre outros eventos como a guerra do Vietnã, crise dos mísseis em Cuba, e também o assassinato do presidente norte americano John F. Kennedy em Setembro de 1963 (GRUNENBERG, 2005). Daí em diante surgiram diversos movimentos em vários locais como o movimento hippie, o hip hop, e o movimento punk. O movimento hippie que surgiu nos Estados Unidos na década de 60 é um dos movimentos contra culturais mais evidentes, pois esse grupo utilizava de instrumentos em que a sociedade tinha o mínimo de controle possível: o próprio corpo, as vestimentas, os ideais, as atitudes.

4.2.1. O Hip Hop e o Movimento de Contracultura

A sociedade tradicional carrega paradigmas que tornam as relações sociais cada vez mais complexas, a partir do momento em que para alguns o considerado diferente gera preconceitos. São variadas crenças, raças, cores e ideologias então como se constrói uma sociedade justa quando ir ao oposto da maioria é um grande desafio? Os movimentos contraculturais tem uma participação importante nesse aspecto e no desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

Através dos movimentos contraculturais pode-se gerar uma ação consciente e reflexiva acerca de diversas questões sociais. Quando se fala em ação, refere-se a todas as atividades artísticas e associativas que o jovem hip-hop desenvolve na implantação que ele mesmo faz da cultura hip-hop urbano. Essas atividades trazem consigo motivações e dinâmicas organizacionais dos jovens que produzem e reproduzem os desdobramentos da cultura nas esferas pública (geral), cotidiana e pessoal (particular).

A contracultura está relacionada aos elementos que definem o conceito. Ou seja, está estabelecido que tal ação é contra cultural porque vai contra a cultura dominante ou oficial. Da mesma forma, é autogerida, autônoma, tem conteúdo político (visão política), social (visão de sociedade). Constitui-se ao contrário do partido no poder como seu agrupamento (de jovens), sua organização e suas ações se enquadram nos elementos que constituem uma contracultura.

O sentido consciente está relacionado a uma ação do jovem sob componentes de lucidez, completude e certezas de suas próprias ações. Ou seja, os jovens têm consciência de sua implantação ao assumirem a cultura hip-hop urbano como um processo que vai além da existência pessoal, assumindo consequências de suas ações, representações com outros jovens, lideranças entre si e associações estratégicas com outros com instâncias governamentais e não governamentais.

A ação contra cultural consciente dos jovens torna-se reflexiva na medida em que é uma ação realizada pelo indivíduo como Sujeito-Ator social capaz de produzir e reproduzir sua realidade social. Estabelece-se que o significado da reflexividade está relacionado à autodidatismo que os jovens do hip-hop estabelecem entre si. Segundo Alves, Oliveira e Chaves, (2016, p. 50):

“Sumariamente, os resultados apontam o Hip Hop como um recurso pertinente nas práticas socioeducativas-culturais, possibilitando a reflexão crítica destes jovens sobre os seus contextos sociais no processo de construção de identidade e formação cidadã, e possibilitando sua sensibilização para a mudança social a partir de práticas comunitárias que envolvem processos de negociação com o poder público na conquista de direitos sociais. Os elementos do Hip Hop podem vir a se tornar marca identitária, constituindo um relevante instrumento para conscientização, expressão/resgate da trajetória da história de vida, e participação social.” (ALVES; OLIVEIRA; CHAVES, 2016).

Portanto, o Hip Hop se destaca e se assegura como um movimento cultural/social que dá voz ao movimento contra cultural juvenil com o objetivo de provocar uma ação socialmente transformadora.

4.2.2.A Importância do Hip Hop no Contexto Sociocultural

Desde o seu surgimento, o hip hop tem se mostrado um movimento com um enorme potencial transformador em relação as causas sócio culturais. Magro (2002) afirma que o movimento do Hip Hop, na provocação de uma experiência social, cultural e étnica possibilita ações coletivas e a promoção do sentimento de pertença social. O debate em relação ao potencial do hip hop como um movimento capaz de construir uma identidade para os jovens que se encontram em um cenário de exclusão social, é destacado por Weller (2000), com a afirmação de que os interesses e objetivos em comum estabelecidos na aglomeração destes jovens em torno da cultura Hip Hop servem de alicerce para a afirmação da identidade étnica e o reconhecimento de que não estão isolados, mas que fazem parte de um espaço social comum. Dessa forma, o Hip Hop tem sido percebido por estudiosos como um movimento social juvenil que possibilita a mobilização social, cidadania e conscientização destes jovens, a partir de uma articulação e atuação no campo social em processos reivindicatórios (MAGRO, 2002).

Ao realizar uma discussão abordando a relação existente entre cultura e educação, Freire (1980) alerta para a relevância do processo de conscientização de práticas educativas, como uma tomada de consciência da realidade social. O processo de reflexão crítica voltada para a inserção do sujeito na sua realidade social, segundo Freire (1980) pode envolver etapas que levam o sujeito de uma postura ingênua diante do mundo, para uma postura epistemológica, crítica. Este é o cerne da transformação social que emerge de um processo de conscientização e capacitação do sujeito para assumir o papel de denúncia diante de uma realidade de opressão social, comprometendo-se eticamente com a transformação (FREIRE, 1980).

Por isso há uma necessidade de conscientização através do Hip Hop em relação as pautas sociais como afirma Stoppa (2005) o Hip Hop é como uma prática educativa sociocultural que possibilita a organização coletiva de jovens na busca de alternativas aos problemas vivenciados no cotidiano. Problemas estes que podem estar relacionados a fenômenos típicos da sociedade contemporânea em decorrência de processos político-econômicos e históricos como a

discriminação racial, violência, drogas, prostituição, situação de rua, entre outros. Compreende-se aqui a cultura num universo estratégico para intervenção na vida social: um espaço de resistência e luta, implicando a aceitação da historicidade e a concepção de atores sociais como agentes de mudanças socioculturais (GOHN, 1999).

De acordo com as entrevistas realizadas com grupos de Hip Hop, Weller (2000) afirma que a identificação de um destes grupos passou de uma fase “pré-reflexiva”, num primeiro momento, para uma fase reflexiva, em que o Hip Hop passou a ser praticado a partir de uma visão crítica identificando-se com o caráter político e social do movimento. O processo de conscientização instaura no sujeito a percepção da possibilidade de mudança social, preparando o indivíduo para um juízo crítico das alternativas propostas pela elite (FREIRE, 1980). Dessa maneira, para Freire (1980), práxis/reflexão pressupõe a ação transformadora do homem sobre o mundo e constitui indispensável elemento para a superação da relação oprimido-opressor. Ao considerarmos o público juvenil, é necessário enfatizar sua desejável participação como protagonista de seu processo de desenvolvimento, empoderando os jovens como sujeitos sócio históricos (ALVES; GONTIJO; ALVES, 2013).

Destaca-se ainda a importância do Hip-Hop como elemento aglutinador e participativo nas chamadas “posses”, organizações preocupadas em buscar alternativas para os problemas do cotidiano de grupos e pessoas, especialmente da periferia das cidades grandes. (ALVES; OLIVEIRA; CHAVES, 2016). Segundo Stoppa (2005) as redes constituídas entre os participantes desse movimento oferecem o estabelecimento de espaços de resistência e de contestação da sociedade a começar pelo desenvolvimento das ações junto às pessoas da comunidade, envolvendo os jovens no enfrentamento dos problemas sociais. Sugere-se o Hip Hop como um instrumento de conscientização, destacando-se o caráter coletivo que passa necessariamente por um processo de participação social, vivida como práxis concreta de um grupo. (MALFITANO; LOPES, 2009).

Como afirma Gohn (1999) um dos supostos básicos da Educação Não Formal é a de que a aprendizagem se dá por meio da prática social. Magro (2002) ao referenciar os participantes desse movimento, propõe mudanças nos modos de conceber o jovem, percorrendo as culturas juvenis elaboradas na periferia dos espaços urbanos. Neste contexto, os jovens deixam de ser meros atores e agentes de um modelo social e se tornam autores de si próprios. O Hip Hop, assim, resgata a educação nos espaços não formais, como uma formação de autores-cidadão

(MALFITANO; LOPES, 2009). Para Magro (2002) o movimento oferece elementos de identificação e formação para os jovens, traduzindo-se na resistência à ideologia dominante, discriminadora e mercadológica que constitui a indústria cultural e seus símbolos.

O Hip Hop também é um movimento importante em relação as questões de gênero, pois desde a infância as mulheres são incentivadas a buscarem práticas consideradas mais feminizadas, então a sociedade, geralmente, divide os espaços e comportamentos em femininos e masculinos. Sendo assim, o Hip Hop com todas as suas características, muitas das vezes é considerado um espaço restrito as mulheres.

Segundo Lima (2014) a rua era, e ainda, é considerada um espaço em que a mulher não tem o direito de expor seus ideais, devido a uma cultura patriarcal, que dita os lugares que a mulher deve estar presente, mas temos que destacar aqui, que existe uma forte luta por parte de mulheres que estão engajadas no hip hop que atenta as mulheres a enfrentar essas barreiras sociais que as impedem de ter seus direitos. Através dos elementos do hip hop, a mulher consegue falar de si para outras que se encontram em uma mesma situação, a grande reivindicação do movimento, por parte das mulheres é que as demais mulheres tenha uma visão politizada e de valorização de si.

Nesse sentido, o hip hop é de grande relevância para a construção da identidade feminina. A principal luta por parte das mulheres é a de valorização, buscando atenção para questões da dificuldade de inserção da mulher no movimento hip hop mas também para questões raciais, sociais, e culturais, principalmente, em se tratando de temas tão debatidos atualmente como o machismo e o racismo.

Em síntese, o hip hop pode ser considerado um movimento favorável as práticas socioeducativas, possibilitando a conscientização e reflexão dos jovens em todos os seus contextos.

4.3.O Hip Hop enquanto Competição

Considerando as características das origens do hip hop é muito comum que as danças dessa modalidade, na maioria das vezes, ocorram de forma competitiva. Acontece que a cultura Hip Hop surgiu em meados da década de 70 como forma de amenizar os conflitos sociais por disputas de território que conseqüentemente causavam agressões e mortes, quando um dos precursores do

movimento, o DJ África Bambaataa, na época incentivou que essas disputas fossem resolvidas através da dança, ou seja, as batalhas ou “rachas”. Então os dançarinos (b-boys/b-girls) iniciavam a disputa com o objetivo de desestabilizar o outro dançarino ou dificultar ao máximo suas movimentações (disputas de break), enquanto os DJs escolhiam aleatoriamente as músicas. Os b-boys e b-girls usavam a criatividade e espontaneidade para criar os movimentos e vencer o adversário.

Como dizem Alves e Dias (2004, p. 6): “O jovem e o social se entrelaçam numa dança alucinante propulsionada por constantes desafios. Um sempre quer deixar o outro sem chão, desestabilizado. Esta relação se apresenta com maior visibilidade no racha. No momento, a provocação é como numa guerra onde ambos põem seu oponente a prova”.

Os jogos olímpicos são acompanhados por uma grande quantidade de espectadores sendo hoje um dos eventos mais prestigiados do mundo. Desde sua origem os jogos olímpicos carregam características de batalhas e disputas, principalmente em relação as modalidades de lutas, em que os antigos atletas também queriam resolver suas diferenças de forma não agressiva e conquistar espaços, além de ganhar prestígio em meio a sociedade da época, nada muito diferente do que acontece hoje. O breaking surgiu desse mesmo contexto e apesar de não apresentar exatamente as mesmas características dos esportes convencionais ainda possuem alguns aspectos que os aproximam, por exemplo, o breaking já é desde sua origem uma modalidade competitiva, utiliza da música e dança como na ginástica que já faz parte dos Jogos Olímpicos desde 1896 (primeira edição olímpica da era moderna), além disso, é uma atividade física assim como qualquer uma das modalidades que fazem parte do programa Olímpico.

Diante disso, o Comitê Olímpico Internacional (COI) surpreendeu todos aqueles que costumam acompanhar as notícias do mundo esportivo com a divulgação de que o breaking seria a mais nova modalidade do Jogos Olímpicos de Verão que acontecerá em Paris, na França em 2024.

Durante a década de 80, com a chegada do breaking no Brasil o movimento sofreu com diversos preconceitos por ter se originado de expressão cultural de rua e sofre com os “olhares tortos” até hoje, assim como o skate que também é uma cultura de rua e então se tornou inspiração para os praticantes de breaking. Com a entrada do skate no programa olímpico e o sucesso da nova modalidade ficou bem claro que era necessário uma inovação a fim de

conquistar o público jovem. De acordo com o Comitê Olímpico Internacional (COI), a inclusão desses novos eventos é “a evolução mais abrangente do programa olímpico da história moderna”.

Até poucos anos atrás, a nova modalidade olímpica não possuía nem se quer um circuito de competições ou um torneio mundial organizado dentro da proposta competitiva. Hoje em dia existem muitos torneios, festivais e campeonatos mas ainda assim como parte de evento cultural ou celebração do hip hop. Então o breaking como esporte competitivo ainda é novidade para muitos, considerando que as batalhas que acontecem pelo mundo não seguem um sistema de disputa pré estabelecido.

Recentemente, a federação mundial para todos os esportes competitivos de dança (World Dance Sport Federation – WDSF) criou uma lanpage com algumas informações relacionadas a competições, regulamentações e classificação olímpica dessa modalidade para competições que ocorrerão antes dos Jogos Olímpicos. Essas informações serão usadas como eventos-teste para a padronização dos sistemas de disputa, e de aclimatação ao futuro modelo olímpico para os dançarinos.

Alguns sistemas já foram definidos para a entrada do breaking nos Jogos Olímpicos de Paris. Essa modalidade terá dois eventos de medalhas, o formato de disputa ainda não foi oficialmente anunciado mas as disputas serão apenas na modalidade 1 vs 1 (Individual), para ambos os naipes sendo que cada evento contará com 16 dançarinos, totalizando 32 participantes. Também não foi anunciado como será o sistema de classificação para os jogos, uma vez que a WDSF está no processo de criação do seu circuito internacional, e de um provável ranking olímpico, porém, podemos presumir que a classificação será muito acirrada devido ao baixo número de vagas.

Em relação a definição de vencedores, o breaking possui duas formas de julgamento em suas batalhas: apontamento e pontuação. O Comitê Olímpico Internacional juntamente com a WDSF definiu que será utilizado o sistema de pontuação. A ideia é tirar um pouco da subjetividade dos julgamentos, e trazer mais clareza para o público, na avaliação das apresentações (BAGNOLI, 2021).

Um sistema de avaliação específico para o breaking, o Trivium, foi desenvolvido com a colaboração de dois membros renomados da comunidade breaking, o DJ Renegade, e o B.boy Storm. A ideia por trás do programa é de que ele sirva para avaliar todos os diferentes pontos, e categorias de movimentos, que esta dança possui, assim, oferecendo uma maior credibilidade ao julgamento. As notas que serão dadas aos dançarinos partirão de três princípios: corpo, mente e

alma. Em que, corpo, diz respeito às qualidades físicas dos atletas, e é composto por Técnica (20% da nota) e Variedade (13,3%); alma, diz respeito à parte interpretativa, composta por Performance (20%) e Musicalidade (13,3%) e mente, diz respeito à parte artística, aonde eles precisam mostrar a sua Criatividade (20%) e Personalidade (13,3%).

Devido a essa grande variedade de critérios e complexidade nesse novo sistema de pontuação é provável que tenha cerca de 15 árbitros selecionados para os Jogos Olímpicos, com o intuito que haja uma rotação constante entre eles, evitando o cansaço das avaliações.

4.4.Relação do Movimento Hip Hop com os Jogos Olímpicos

Muito se discute sobre o papel que o hip hop e outros movimentos contraculturais apresentam mediante a sociedade. É inegável que esses movimentos vem ocupando espaços nunca alcançados antes e isso se tornou mais evidente, principalmente, com a divulgação de que o breaking (estilo de dança da cultura hip hop) estaria nos Jogos de Paris, na França, em 2024. Para o Comitê Olímpico Internacional (COI), essa nova decisão é uma estratégia para se comunicar com os jovens urbanos, pois eles buscam atividades muito diferentes daquelas da época de seus avós.

Os Jogos Olímpicos e o esporte de um modo geral não são mais os mesmos. O esporte tradicional abriu espaço para novas modalidades esportivas que até então eram considerados arte e cultura. Como disse o jornalista Demetrio Vecchioli (2020), “a essência do breaking não é muito diferente da ginástica artística, do nado artístico ou dos saltos ornamentais, com a diferença, importantíssima, de que o breaking é, como o atletismo, o hipismo, a vela ou a natação, é uma atividade física natural. Se os Jogos Olímpicos já têm competições de manobras sobre prancha, sobre skate, sobre bicicleta, embaixo da água, saltando de uma plataforma, com maçãs, fitas e arcos, e até em cima de um cavalo com alças, por que não em uma pista de dança?”.

Vale ressaltar que o breaking carrega toda a ideologia que envolve a cultura hip hop e a problemática social como causa do surgimento do movimento hip hop é vista ainda hoje quando muitos discriminam a inserção de culturas vindas da periferia em eventos grandes como os jogos olímpicos. Acontece que o hip hop surgiu em meio a um contexto de violência da qual as gangues utilizavam para defender seus ideais, porém se tornou um fenômeno cultural que

expressa um descontentamento social, através da música, dança, arte, vestimentas, entre outras características que não tinham relação com a violência. A sociedade começou a ter mais contato com o hip hop depois de videoclipes como o de Michael Jackson, Chris Brown e filmes como o “Flashdance”, “Beatstreet” e “Na onda do break”.

Os grupos de Danças Urbanas encontraram nos festivais de Dança uma forma de divulgar o seu trabalho, também um espaço para “desmarginalizar” este gênero da Dança, que por muitas vezes foi alvo de preconceito e discriminação (GUARATTO, 2008). A partir daí, o Hip Hop expandiu-se e foi ganhando novos adeptos, conquistando novos espaços, saiu das periferias e foi difundido para todo o mundo até finalmente chegar nos Jogos Olímpicos com as disputas do breaking.

Por conseguinte, o movimento Hip Hop emergiu como um movimento importante para a inserção do jovem no meio social, cultural e político buscando ações em relação a construção identitária, reafirmação nas lutas sociais, possibilidades de mudanças sociais nas comunidades, o estímulo de pensamentos críticos e conscientização diante da realidade social, entre outros aspectos.

Porém muitos ainda não veem a cultura hip hop com esse potencial e a inserção dessa modalidade nos jogos olímpicos pode “abrir a mente” de várias pessoas com as novas modalidades esportivas que estão surgindo, os chamados “jogos da juventude”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso realizado na pesquisa demonstrou que o hip hop é uma cultura com grande potencial para romper as barreiras impostas pela sociedade, principalmente, após a integração do breaking nos Jogos Olímpicos.

Acredita-se que nos Jogos Olímpicos de Paris em 2024 será uma edição inovadora considerando a inserção das novas modalidades. As palavras chaves para o movimento olímpico, atualmente, são juventude, inclusão e diversidade, palavras que estão fortemente ligadas ao breaking, então, espera-se que com essas inovações os movimentos contraculturais não sejam

mais negligenciados e possam cumprir mediante a sociedade seus objetivos, desconstruindo assim a ideia de uma sociedade hegemônica.

Desse modo, também, ficou constatado que as áreas esportivas e culturais, como áreas abrangentes, são capazes de superar essa construção social imposta à medida que conquistam a juventude e ampliam a consciência crítica das novas gerações.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, I.; GONTIJO, D. T.; ALVES, H. C. Teatro do Oprimido e Terapia Ocupacional: uma proposta de intervenção com jovens em situação de vulnerabilidade social. *Cadernos de Terapia Ocupacional UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 325-337, 2013.

ALVES, H. C., de OLIVEIRA, N. P., & CHAVES, A. D. (2016). “A gente quer mostrar nossa cara, mano”: hip hop na construção de identidade, conscientização e participação social de jovens em situação de vulnerabilidade social/“We want to show our face, man”: hip hop helping to build identity, awareness and social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 24(1), 39-52.

BAGNOLI, C. A história do Breaking e a sua jornada aos Jogos Olímpicos - Parte 2. 2021. Disponível em: <<https://www.surtoolimpico.com.br/2021/11/a-historia-do-breaking-e-sua-jornada.html>>. Acesso em: 23/03/2022.

CHANG, J. Can't stop Won't Stop: A History of the Hip-Hop Generation, [S. l.]: Macmillan, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GIL, A C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOHN, M. G. *Educação não-formal e cultura política*. São Paulo: Cortez, 1999.

Grunenberg, C., Harris, J., & Harris, J. P. (Eds.). (2005). *Summer of love: Psychedelic art, social crisis and counterculture in the 1960s* (Vol. 8). Liverpool University Press.

KUGELBERG, J. Born in the Bronx. New York: Oxford University Pres, p. 17, 2007.

LIMA, M. F. Mulheres no hip hop: A identidade feminina em um movimento juvenil artístico-cultural. 2014. Tcc (Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, [S. l.], 2014.

MAGRO, V. M. M. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o Hip Hop. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 22, n. 57, p. 63-75, 2002.

OS GRUPOS. Os grupos alternativos e a música. 2011. Disponível em: <<https://grupoalternativoseamusica.blogs.sapo.pt/tag/origem>>. Acesso em 16/02/2021.

SALES, D. A. Contracultura; história de subversão e underground. 2018. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/historia/contracultura-historia-subversao-underground.htm#indice_27>. Acesso em 16/02/2021.

SANTOS, R. E. A história do hip-hop. *Hip-hop*, v. 14, p. 16.

SANTOS, R. E. Educação popular e juventude negra: um estudo da práxis político-pedagógica do movimento Hip-Hop em São Luís do Maranhão. São Luís: EDUFMA, 2015.

STOPPA, E. A. “*Tá ligado mano*”: o hip hop como lazer e busca de cidadania. 2005. 143 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

VECCHIOLI, D. Olímpico em 2024, breakdance mudará esporte. Entenda como é a competição. 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2020/12/09/entenda-o-break-dance-que-pretende-virar-a-olimpiada-de-cabeca-para-baixo.htm>>. Acesso em 01/02/2022.

WELLER, W. A construção de identidades através do hip hop: uma análise comparativa entre rappers negros em São Paulo e rappers-alemães em Berlim. *Caderno CRH*, Salvador, n. 32, p. 213-232, 2000.

